



Poesia



“Mutwe wa Djamba” – Cabeça de elefante – “Djamba keshi kulemena mula muana kashi kulemena nai” (elefante não sente o peso da tromba, como a mãe o do seu filho).



É EM MOMENTOS DEPOIS DE TER SONHADO

Dimensão formalista da poesia moderna angolana



Ficha técnica

Copyright © 2005, by Nilton Saraiva Botelho de Vasconcelos
e Vários Autores e União dos Escritores Angolanos

Prefácio

Nilton Saraiva Botelho de Vasconcelos

Título

Tirado de um verso de RM Rilke

Capa

Desenhos na areia

Sónia

Revisão

Autor/UEA

Design Gráfico e Impressão

Zoomgraf-k Ltda

Depósito Legal nº 2783/05

Tiragem

1000 exemplares

1ª Edição: Luanda 2005

Colecção: Guaches da Vida

Todos os direitos desta edição à UEA

E-mail do Autor:

niltonvascon@hotmail.com

Site: www.uea-angola.org

Fax: 222 323205 Tel. 222 323205/222 322421

NILTON SARAIVA BOTELHO DE VASCONCELOS

É EM MOMENTOS DEPOIS DE
TER SONHADO



União dos Escritores Angolanos
«Guaches da Vida»





Índice e Datações da Antologia





Diálogo com os poetas.....	21
----------------------------	----

«Sinais da génese das correntes formalistas»

* GERAÇÃO DE 1945

MACEDO, Jorge.....	29
--------------------	----

«Voz de Tambarino»

Ed. UEA, Luanda, 1980

Colec.: «Autores Angolanos»

Pingoso colorir (...)	31
5.2 é isto (...)	32
1. na aula da pesca vê-se a rede que mede (...)	33
2. é o começo (...)	34
3. de sua pupila (...)	35

«Ternura de Olhos Verbais»

Ed. UEA, Luanda, 2004

Colec.: «Guaches da vida».

Na tenda do relaxe	36
No Domingo do Ébrio	37
A Dora Adoira	38
Na ferida crónica da Escravatura	39
Tu És o Sobre-Ser	40
Tu és Cataclítico	41

«Cristalização das correntes formalistas»
Geração de 70

* GERAÇÃO DE 1970

BARBEITOS, Arlindo	45
<i>«Fiapos de Sonho»</i> <i>Ed. Veja, Lisboa, 1992</i> <i>Colec.: «Palavras Africanas»</i>	
pelo lado das palavras (...)	47
oh ilusiva quimera (...)	48
segura a sombra incauto (...)	49
CARVALHO, Ruy Duarte de	51
<i>«Chão de Oferta»</i> <i>Ed. UEA, Luanda, 1972</i>	
Porém se o tempo pára (...)	53
12. talvez esteja prestes (...)	54
<i>«A Decisão da Idade»</i> <i>Ed. UEA, Luanda, 1976</i>	
Destaca-se Vibrátil	55
<i>«Exercícios de Crueldade»</i> <i>Ed. UEA, Luanda, 1978</i>	

4. Acordas ansioso por saber das grinaldas (...)	56
5. Nada mudou para que delega a glória (...)	57
Um elefante vem, pelo país (...)	58

«*Ondula, Savana Branca*»
Ed. UEA, Luanda, 1982

3. É duro de encarar o sol que brilha (...)	59
---	----

VASCONCELOS, Adriano Botelho de 61

«*Abismos de Silêncio*»
Ed. UEA, Luanda, 1996

tentativa de continuação de Neruda (...)	63
um excesso de presente entre altares (...)	64
a morte pode com salivas de silêncio (...)	65

«*Tábua*»
Ed. UEA, Luanda, 2004
Grande Prémio Sonangol
de Literatura, 2004
(*Ex-aequo*)

As palavras foram sublinhadas antes das colmeias (...)	66
Nada ficou por tirar da morte até mesmo o segredo (...)	67
Nada ficou por tirar da morte se não o seu túmulo (...)	68
A ideia antiga de um tecto que coloque (...)	69

«*Olímias*»
Ed. UEA, Luanda, 2005
Colec.: «*Guaches da Vida*»

1. Estivemos nus sem que pudesses saber (...)	70
2. Na cama coberta de linho branco (...)	72
3. Disseste-me uma palavra que dança comigo (...)	74

«Segmentação das correntes formalistas»

* GERAÇÃO DE 1980

MAIOMONA, João.....	00
---------------------	----

«Quando se Ouvir o Sino
das Sementes»
Ed. UEA, Luanda, 1993

Murmúrios	00
Ramos de grito	00
2. o velho continente acordou (...)	00

«Festa de Monarquia»
Ed. Kilombelombe, Luanda, 2001
Colec.: Os Nossos poetas

Mãos e coisas.....	00
2. nada se aproxima da noite que pretendias (...)	00
Extinção do milagre.....	00
Activa transformação.....	00

«Lugar e Origem da Beleza»
Ed. Kilombelombe, Luanda, 2003
Colec: Os Nossos Poetas

Transparência da expressão.....	00
Sentença.....	00
Noite de inventário.....	00

MENDONÇA, José Luís 00

*«Cal & Grafia: 20 Anos de Poesia
- Antologia»
Ed. Kilombelombele, Luanda, 2004
Colec.: Os Nossos Poetas*

os mortos não dormem.....	00
em windhoek, no coração intacto da pedra.....	00
canção do labirinto	00

*«Se a Água Falasse»
Ed. Chá de Caxinde, Luanda, 1997
Colec.: «Jogos Florais do Caxinde»*

O fruto das Palavras.....	00
nas colinas.....	00
as últimas mangas	00

*«Logaríntimos da Alma. Poemas de aMar»
Ed. UEA, Luanda, 1998*

idades de pulso liso.....	00
---------------------------	----

*«Ngoma do Negro Metal»
Ed. Chá de Caxinde, Luanda, 2000*

no deserto do meu voo.....	00
----------------------------	----

sangrentes pedaços de metal	00
O feitiço da boca	00

POMPÍLIO, António 00

*«O Sal dos Olhos do Mar»
Ed. UEA, Luanda, 1997*

O gemido das palavras das mãos	00
Inverter	00

*«Simetrias»
Ed. UEA, Luanda, 2003
Colec.: «Guaches da Vida»*

Cegueira.....	00
Confissão.....	00
Mergulho.....	00
Nomeação.....	00

KAFUKENO, Fernando..... 00

*«Sobre o Grafite da Cera»
Ed. Kilombelombe, Luanda 2005
Colec.: «Os nossos Poetas»*

a máscara negra	00
olhos – mar I.....	00
no baloiço da manhã.....	00

o hieroglífico do carinho	00
no túnel	02
controvérsia na primavera.....	00

TALA, João	00
-------------------------	-----------

«Lugar Assim»
 Ed. UEA, Luanda, 2004
 Colec.: «Guaches da Vida»

o meu poeta	00
o rosto ido(so).....	00
rios de nós.....	00

*«A Vitória é Uma Ilusão
 de Filósofos
 e de Loucos»*
 Ed. UEA, Luanda, 2005
 Colec. «Guaches da Vida»

amar de mais	00
nossos olhos abriam o chão.....	00
descer à chuva.....	00
o paraíso nós o perdemos em busca do corpo.....	00
amar é mesmo assim.....	00
(primeira fase do amor teraêutico).....	00
ideia de música	00

TRAJANNO, Trajanno Nankhova..... 00

«*Fronteira da Lágrima*»

Ed. de Angola, 1995

Colec. Pão e Alma

Gesto lírico das Aves..... 00

Primavera Escassa..... 00

«*Pedestal de Argila*»

Ed. INIC, 2001

Colec. A Letra

Partitura de piropos à besangana..... 22

2ª canção fisiológica do
tempo..... 00

1º poema queixume
muxiluanda..... 00

5ª ode breve à gaivota
..... 00

1º hino de mastro
atlântico..... 00

«*Caminhos da Mente*»

Ed. UEA, Luanda, 2004

Colec. «Guaches da Vida»

dolência serena do kisanji – 5.ª palheta..... 00

ebriez oceânica insígnia – 3.ª dinastia 00

nostalgia convexa das sementes – 3º amplexo..... 00

«IIª Fase da Segmentação das correntes formalistas»

*GERAÇÃO DE 1990

DALOMBA, Amélia..... 00

«Noites Ditas à Chuva»
Ed. UEA, Luanda, 2005
Colec.: «Guaches da Vida»

A Canção do silêncio..... 00
Mão 00
Petição 00
Medo e Cruz 00
Parto de Partidas..... 00
Hoje 00
À Sombra do Chão 00
E Vilões 00

PAXE, Abreu..... 00

«A Chave no Repouso da Porta»
Ed. INIC, Luanda, 2003
Colec.: «A Letra»

21 amores em Junho..... 00
cicatrices os espelhos 00
o lago envelhecido sintoma..... 00
falares atados ao silêncio 00
Os anos ladrilhos das horas..... 00



À memória
De meu pai, meu herói
José Botelho de Vasconcelos
(Aires)

À Carolina Saraiva, minha mãe,
aos irmãos e tios
pelos afectos





Diálogos com os poetas...

Nilton Saraiva Botelho de Vasconcelos





Diálogo com os poetas

Esta é a poesia angolana que, após três anos de leitura guiada, a memória me traz à tona para poder organizar com sucesso a presente antologia que reúne o corpus poético que configura as correntes formalistas.

São poetas formalistas porque têm apresentado propostas com maiores riscos criativos, inventivos, fugindo dos conceitos mais comuns que marcam de forma portentosa a maior parte da tessitura da poesia angolana dos últimos trinta anos. Essa poesia merece igual antologia, trata-se de uma poesia tocada pelo discursivo, versos de circunstância, denotativos, são propostas onde a essência ideo-estética mais valoriza o real e sem rupturas estéticas.

Os poetas aqui representados, apesar das suas especificidades, têm compromissos com as estéticas mais exigentes em termos de plástica, futurismo, imagismos e concretismos, labor criativo que passa também pelo recurso constante ao contraditório não só por justaposição de palavras contrárias quanto ao que significam, mas como conotações possíveis, formando até sinestésias.

Tive que datar os diversos períodos em que surgiram as vozes dessas correntes porque o processo de modernização da literatura angolana, tem vários protagonistas com tempos remotos e actuais diversos uns dos outros. São experiências singulares que seguiram os mesmos conceitos nucleares que nos permite com facilidade agrupá-los como actores de uma só escola. Uma corrente que permite dividir a nossa literatura em dois grandes surtos da poesia angolana.

«É em momentos depois de ter sonhado... Dimensão formalista da Poesia Moderna Angolana», é um projecto selectivo, baseado nas escolhas que devem ilustrar a outra dimensão maior da poesia angolana e não poderia ser de outro modo porque existirão sempre muitas e novas correntes e singularidades muito próprias já que as sociedades são sempre plurais, híbridas culturalmente e têm como seu potencial endógeno os discursos e anti-discursos.

Não é minha intenção marcar de forma diferenciada os traços mais herméticos (Trajanno N. Trajanno ou em João Maimona) ou os mais filosóficos (Vasconcelos, AB) ou ainda os concretistas (Jorge Macedo) ou o surrealismo menos oculto (José L. Mendonça), um exercício apaixonante que pode ser efectuado sem grandes dificuldades porque essas características são facilmente detectáveis nos diversos corpus poéticos publicados pelos poucos formalistas que fazem parte da grande história da literatura angolana.

Com a presente antologia, cai por terra a ideia ideológica que só existe uma literatura baseada em chavões revolucionários que têm como essência temática as aspirações dos operários e camponeses, sempre numa lógica de exclusão, de confronto de

classe e de esvaziamento da dimensão espiritual do homem. Quando acabarem de ler a antologia, o leitor entenderá que o que vai enriquecer a nossa literatura é essa diversidade plástica com temáticas abertas que expressem os diversos «mundos e faces» porque a matriz social angolana tem até elementos culturais profundos que podem tornar mais peculiar a actual poesia.

Nilton Botelho de Vasconcelos





**«Sinais da génese das correntes formalistas»
Geração de 1945**





Jorge Macedo*

* Jorge Macedo nasceu a 14 de Outubro de 1941 em Malange. Obras publicadas: «*Itetembu*» (1966), «*As Mulheres*» (1970), «*Pai Ramos*» (1971), «*Irmã Humanidade*» (1973), «*Gente do Meu Bairro*» (1977), «*Clima do Povo*» (1977), «*Voz de Tambarino*» (1978), «*Geografia da Coragem*» (1989), «*Página do Prado*» (1989), «*Literatura Angolana e Texto Literário*» (1989), «*Poéticas na Literatura Angolana*» (1989), «*Sobre o Ngola Ritmos*» (1989), «*O Livro das Batalhas*» (1993), «*O Menino Com Olhos de Bimba*» (1999), «*Ternura de Olhos Verbais*» (2004), «*Antologia: 1979-2000*» (2004), «*As Aventuras de Jójo na Aprendizagem da Língua*» (2004).



4.

Pingoso colorir
o cheiro
da nuvem dos dias
noutra
raiz
g a r g a l h a n d o
o infinito grito
de amadurecer
o começo

5.2

é isto
o viscoso calar a pedra
do calaboiço
na idade

o ágil forjar o avanço
por orifício

é isto
o paciente fazer
a rósea
face das nuvens

1.

na aula da pesca vê-se a rede que mede
o ofício
das gaivotas

o professor a lição a ardósia
o lápis
afiado

o mar
a primeira página
de nação
o ouvido da onda

o saber profundo
os dongos
no começo
de submarino
por ser

2.

é o começo
destoutro
pendor das luas

o reeducar o gado
noutra fala
de amanhecer

no cimo do monte

no campo

rasgado

noutro raia

do equinócio

3.

de sua pupila
árduo
forno
a faísca
rasga
o percurso
de um
mais
amanhecido
para
o sentido cruzado dos astros

na aurícula
do futuro

Na tenda do relaxe

quando azulado de remanso
Dirceu entardecia
e Outubro despido de afago
de entardecimento se cobria
um alado sossego de lenta intensidade
se passeava no rosto prófugo
de ágeis buganvílias
e no lato Lago Míriam
encaracolados os cisnes distribuíam
incríveis fascínios
aos mirones
que aí iam despir ludicamente
a pele acre do mau tempo



No domingo do ébrio

as árvores tropeçam os pés
no descanso dos cães
feitos pedras de arremesso

e onde atropelam a quietude da sombra
que dá gozo às pombas
a tempestade
é bebida
como espectáculo
amoroso
de indizíveis vinhos

A Dora adoira

A alma moura dos seus cabelos ledos
tesouro lato
que lhe amoura
o facies indizível da beldade
que quer



alindando filigranas
de gestos endeusados
ela avulta
infindáveis jazidas
de indizíveis paraísos

Na ferida crónica da escravatura

longe uma ilha memórias
de navios negreiros
magoa a orla marítima
encharcada

de lágrimas oceânicas
de tanta mãe
triturada
por incontroláveis desesperos

surdos os barcos de cruel arrastamento



Tu és o sobre – ser

os teus rios latos falam de manhãs inconclusivas
quando as florestas da alma suspensa dos dias oblíquos
albergavam almas imensas em infernos sorrateiros

Tu és catalítico

tudo o que possas dizer sobre a viagem forçosa
na garganta da decepção será suicídio

a crueldade está de férias. É só a chamarem
e ela estará de volta. Nunca digas em

que furna te escondes do universo. Nem aceites
dizer a ninguém que és um animal extraviado.
A melhor locomoção pertence aos desejos prudentes.



**«Cristalização das correntes formalistas»
Geração de 70**



Arlindo Barbeitos*

* Arlindo Barbeitos nasceu a 24 de Dezembro de 1940, província de Catete.
Obras publicadas: «*Angola, Angolê, Angolema*» (1976), «*Nzoji*» (1979) e «*Fiapos de Sonho*» (1992).





pelo lodo das palavras
escorrega o falador iluminado
e se estatela no fusco charco da amargura

oh enganosa chuva



oh ilusiva quimera

em teu olhar de diamante
inda se esvaindo paira
a imagem do sonho menino
que
exangue de tua garra pende

oh ilusiva quimera

segura a sombra incauto

pela lua passearam intrusos
o sol vende-se a retalho
e
a felicidade é um carrinho de menino
[sem rodas
apodrecendo num monturo

segura a sombra incauto



Ruy Duarte de Carvalho

Ruy Alberto Duarte Gomes de Carvalho é angolano por opção, tendo nascido em Santarém, Portugal, a 22 de Abril de 1941. Obras publicadas: «*Chão de Oferta*» (1972), «*A Decisão da Idade*» (1976), «*Como Se o Mundo Não Tivesse Leste*» (1977), «*Exercícios de Crueldade*» (1978), «*Sinais Misteriosos... Já Se Vê...*» (1979), «*Ondula Savana Branca*» (1982), «*O Camarada e a Câmara*» (1984), «*Nelisita*» (1985), «*Lavra Paralela*» (1987), «*Hábito da Terra*» (1988), «*Ana a Manda. Os Filhos da Rede. Identidade Colectiva, Criatividade Social e Produção da Diferença Cultural: um Caso Muxiluanda*» (1989), «*Memória de Tanta Guerra*» (1992), «*Ordem de Esquecimento*» (1997), «*A Câmara, a Escrita e a Coisa Dita... Fitas, Textos e Palestras*» (1997), «*Aviso à Navegação. Olhar Sucinto e Preliminar sobre os Pastores Kuvale da Província do Namibe, com um Relance sobre as Outras Sociedades Agropastoris do Sudoeste de Angola*» (1997), «*Observação Directa*» (2000), «*Vou Lá Visitar Pastores. Exploração Epistolar de um Percurso Angolano em Território Kuvale, 1992-1997*» (1999), «*Lavra Reiterada*» (2000), «*Os Papéis do Inglês*» (2000).



11

Porém se o tempo pára
as serras se avizinham
e o vento é leste e a manha sonora;
se os homens se despedem das mulheres e abalam
sem destino
os cães trotam e latem receosos
e os animais bravios
não se ocultam;
se o mar se ouve ao longe
e os comboios
nos vêm recordar
o cansaço desmedido das viagens,

53

12

talvez esteja prestes
a pureza
da lua fevereira
e baste
um vegetal estalido de mucosa
para rebentar
em águas
toda a prenhez do céu
num gesto muito simples
de parto extemporâneo.
Um brando golpe a declarar
cumprido
o tempo
saturado
da combustão da espera
intemporal e aceite
uma madura ciência
de olhar líquido
vertido no horizonte
para embebedar-lhe a sede.

54

Destaca-se Vibrátil

Fruto do sal
vegetativa haste a emergir
de um chão regado a lágrimas:

a figura do herói
vindo do Leste.

Catalisa as direcções oblíquas da coragem:
os ventos circundantes da intenção segura
as folhas de papel cruzando o mar
e a revolta de um gesto que detém
a culpa imposta e a pena original.

A clandestina glória
legitima o orgulho
da tensa ostentação colada ao peito nu:
liberta a luz crestante das canções
com que perverte a paz e a dor herdadas.

4.

Acordas ansioso por saber das grinaldas que o sangue abriu na noite. Enfrentas a manhã nua e devassa como a parede branca a que se rasga a forma de um cartaz antigo. Caíram os tapumes da confiança e eis presente, como nunca adversa, a geografia cada vez mais tensa.

Vês a língua de areia servida de outra luz.
A memória sumiu-se, cristalizou nos ecos.
A gestação do medo arruinou as horas.

Ensaias o andar antes sabido. Apenas expões a pele sem que o contorno do teu velho corpo revele indícios do que lhe vai por dentro. Reinventas no mundo a implantação do vulto, lavado agora das razões seguras. Estar vivo e acometer a claridade implica a vocação de afeiçoar o corpo à praça imposta. Há uma maneira apenas de enfrentar o frio. É transportar, por dentro, o mesmo frio. Não fere, a decisão, muito para além das decisões alheias.

5.

Nada mudou para quem delega a glória.
Nada é tão grave que nos impeça os corpos.
Estamos aqui, sentados, sabendo que o conforto
é só cá dentro e a casa é cheia de alegria e festa
e a carne é fresca porque viva e alheia
à carne longe, retalhada e fria.
Somos de facto, em nosso apuro e com o nosso dote,
uma versão apenas indecisa
do nó que nos habita bem no centro.
Rapazes, raparigas,
que cada um empunhe a flor oculta
para inseri-la entre pernadas jovens.

A morte será longe enquanto nos arder
à flor da boca
esta atenção pelas florações dos outros.

Versões
Kwanyama

Profecia de Sisahama

Um elefante vem, pelo país
morrer nas lavras de Haymbili
nas lavras.

Um elefante assim
que os seus perderam
não podem senão vir
trazer desgraça.

porquê assim, porquê aqui?

Homens grandes passaram em em Ondonga
e até aqui virão, a estas lavras.

E os agentes de Deus
que se afastaram
aqui voltarão de novo.

Vieram instalaram-se em Ondonga
cruzaram Onkwambi, Ongandyera
e passam através do Kwanyama.

3.

É duro de encarar o sol que brilha
e nada pode, a cólera do touro
contra a manada dos areais do rio.
Quem recebeu a cauda
a cauda arrastará.
Não basta juntar a lenha
para recolher os molhos:
é preciso que a maldade os não desfaça.

Sujeito-me a vestir as velhas peles
e olho à volta
atento ao que se passa.
Eu sei que há luz e sombra
Nuvens e chuva...
Mas chegará a minha voz aos vossos pés
como aos da onça o grito da capota?

Guarda a cigarra o seu canto
perante a voz dos tambores.

Fecho

Os bens raros da excelência poderiam
estar guardados na frescura
dos quartos, na penumbra
privada dos celeiros
no clima dos remédios
e das curas.

Há câmaras de ausência
para garantir o apuro do indizível.
Os resguardos são placentas
de mistério.

Sacralizar o dia.
Fazer das mãos uma matriz de imagens
e expor a face ao cheiro que respiram.
Olhá-las com a surpresa dos milagres.

A força mais guardada que há na luz
só se consente em superfícies raras.

Adriano Botelho de Vasconcelos*

* Adriano Botelho de Vasconcelos nasceu em Malange aos 8 de Setembro de 1955. Obras Publicadas: «Voz da Terra» (1974), «Vidas de Só Revoltar» (1975), «Células de Ilusão Armada» (1983), «Anamnese» (1984), «Emoções» (1988), «Abismos de Silêncio» (1992), «Tábua», Grande Prémio Sonangol de Literatura – Ex-aequo (2003), «Boneca de Pano: Colectânea do Conto Infantil Angolano» (2005), «Caçadores de Sonhos: Antologia do Conto Angolano» (2005), «Todos Os Sonhos: Antologia da Poesia Moderna Angolana» (2005), «Olímias» (2005), editou os jornais «Unidade e Luta» (1974), «Angolê-Artes e Letras» (1984), «Maioria Falante» (R.J) e concebeu Webdesign do Site da UEA: www.uea-angola.org.



**tentativa de continuação do canto de Neruda
que passeia devagar com cabeleira de jardins
que fazem esquecer
a morte**

em nós o ouvido que sabe do vento
a dobra do destino como a pakaça sabe
das planícies os rios que o silêncio
encruzilhou na bainha dos caçadores
e os pássaros e o segredo da noite
que penetra seus cavalos nas árvores
até as sanzalas ficarem imóveis
agarradas aos castiçais do medo
até os kimbandas espalharem a coragem
com o incenso dos ngomas. Há mudança.
As arestas que fecharam a mão dura
de nocturnidades suspeitas minando
a felicidade já não impedem a esperança
de invadir com ilusões de um segredo
acolhedor as entranhas do sangue, até o homem
ser fiel à morada de uma infância
que não teve necessidade de ensaiar
cinzeiros de angústias
sonâmbula lagoa que arrasta
o céu para a carícia dos
pássaros.

**um excesso de presente entre altares
de interrogações que consomem
todo o rumo do momento**

no lugar do silêncio toda a imagem
sofre. Há um rosto que alerta a identidade
das insónias na órbita de um desejo que faz
sofrer. Às escuras a mão fica grudada
sobre um segredo de tímulo que fazem rodar
as trevas e anseia dissolver entre argilas
a paisagem ou inventa uma maquilhagem que apague
o curriculum da identidade? Há uma lucidez
que pode arranjar um grito exacto capaz
de revelar o avesso das nossas dúvidas
de nos apontar os meridianos
da luz até que o luto que apagara
a carne desapareça. No lugar do silêncio
toda a imagem sofre. Desapossado da emoção, sem
nenhuma força para apagar o que em lágrimas
é uma memória de dentro do teu nome.
Mágoa de abandono de muitos cinzeiros
que mantém nas pálpebras uma casa
única reserva de potência capaz de impedir
a sombra.

**a morte pode com salivas de silêncio
apagar o nome das coisas**

o silêncio é um mar perdido na boca
dos peixes. A morte pode com salivas de silêncio
apagar o nome das coisas, só a ausência
aniquila o sangue até as velhas atarem
uma canção nos terços
dos destinos. O meu nome é um tinteiro
derramado no cimento da madrugada. Vejo tombar
a guitarra dos meus sonhos e o
nome das coisas, como uma cor funda
de esquecimento que desfaz em pó
as gaiotas da existência, como uma velocidade
que só deixa o poder das mãos serenar
a aflição do futuro, nenhuma palavra memoriza
imagens, tudo se apaga como um sino
que recebe o vazio mais fundo
da música.

As palavras foram sublinhadas antes das colmeias
como se tivessem na cal aberto o lugar
de Deus. O que continua oculto não pode ter
vogais, tem o homem que indica
o fruto que pode confundir
o leão.

Que palavra pode passar pelas nossas insónias
sem perder a luz e seja capaz de desfazer
os panfletos onde a sanzala concentra a dor
na interrogação e desabrigo? Entendi a imagem
que se destinava para a mobilidade
da morte. Permaneci abandonado no jardim
onde o banco voou em direcção ao mar até apanhar
as mãos dos poetas. O sol que se espera ao lado da cama
não faz uma cidade acordar para o encontro com
as suas falências. Deus deixou de brincar com as nossas
pálpebras. Esse silêncio vem de uma vingança cuja ponta
foi aguçada nas superfícies sem lugares
para os brinquedos. A bandeja aumenta o estilo
dos cristais que tornam perenes e sem lustro
os palácios. E a palavra antes de ela ser estrofe vive
uma luta com o que nos vem em sangue para apertar
o mundo. Que palavra pode resistir ao silêncio
que percorre a resignação sem que nos falte como
recurso da verdade os mármorees que dilataram
as lágrimas. O que se perde é mais que as idades que vão
fazendo com que amemos os criminosos.
O sol não faz uma cidade acordar para o encontro
com o que lhes falta. A sombra mais parece um segredo
que apetece abandonar, mas a sombra à janela

toma os sinais das gaivotas até tirar-lhes o mar
em cada uma das asas. Nas feridas toda a memória
parece fazer a curva da lucidez quando tudo perde a forma
e as palavras são atravessadas por anjos
que não têm tempo no tempo que nos falta
para endireitarem um pouco os destinos
que se adiantam ao tempo.
Onde esconderam as harpas? A cinza fez a sanzala
perder o nome do planeta e muito menos tiveram
como uso o presente. A roda da terra
é o cavalo das nossas
ilusões.

Nada ficou por tirar da morte até mesmo o segredo
revelou o sangue. O sangue trocou por trigo
a inocência e manchou o endereço dos cárceres. O lago
veio para o interior da sanzala
e todos esconderam as suas sereias numa sanga
que perturba a morte. Partes de um rio esboçam
nos âmagos a pedra até que a luz reconheça
a sua própria inutilidade.

Tudo é um medo que desfaz a ousadia
que torna as vogais reconhecíveis para o dramaturgo
saber dos nossos batons. Os velhos seguraram os erros
como quem procura a vingança para
ofenderem a ilusão. Um exílio fica preso
nas palavras que não fizeram
parte das aguarelas. Quem alterou o valor dos dia
diante das nossas fraquezas e onde toda a sombra
celebra como uma provocação a aurora?
Uma tenaz serve para segurar a rigidez das palavras
e a lixívia aproxima a sua significação ao vazio.
Tudo tão higiênico numa régua sobre folhas amarrotadas
pelos filósofos, mas sem aplausos
para a sua sorte. E o lápis é a ponta da beleza
que percorre por dentro o rio de pedra que faz esquecer
os números da cidade como se pudéssemos
oferecer aos cegos toda a identidade
das utopias. Só a vida não passa
pelas estações que estreiam novos capins e folhas
para salvarem as seivas porque toda a vida coincide

com a luz de Deus e a sua sombra pode tornar a terra
desabitada. O sol levanta a tela onde se pode
fazer esquecer o último fuzilamento, um País caído
junto a torre onde os heróis procuraram tornar
bela a sua perversão. Toda a figura do nosso oratório
é uma comiseração que desce tarde para o lado
do coração – E não chega a ser horizonte
essa doentia certeza de que a bandeira e a coroa em oiro
serão abandonadas na última derrota
dos heróis. Em cada boca que recita a palavra
em pele se sublinha o poder da manhã. Os velhos tentam
adiar
o confronto: foram incendiados os jornais e bibliotecas
no espaço que era próprio para
a maternidade.

Nada ficou por tirar da morte se não o seu túmulo
que está na ponta dos nossos dedos.
Não se pode escrever o poema porque entre os seus
elementos vigora uma voz
que indica o lugar
da agonia.

Os dedos criaram os abismos para que as vozes
adormecessem no lago que separa os caminhos
que traçamos quando a madrugada
mais parecia o início de todos
os poemas. Os pastores das igrejas estupefactos
olham para dentro de si próprios num esforço solitário
para saberem se perderam de seus fios e trancas
as ovelhas e sempre a imaginarem que se pode
abençoar um Deus para cada tragédia.
Oh, luz, por mais insónias não se fará melhor deserto
para o espaço de nós que está esgotado numa festa
que deixou o mundo na bengala abandonada
pelos poetas. Pode ser que uma mão cresça
segundo o ritmo da morte e una a boca num só grito
depois de colocar uma manilha na garganta
que mantém a sombra muito
perto dos anjos. Não se pode escrever o poema
porque o lugar dos túmulos são o que a noite deixa ser
no vício das corujas. O tecto pode ser o centro
que ajuda a virar a lamparina que muda a luz que aproveita
abrir os olhos. Os velhos prepararam o segredo
para deixarem a lápide onde o morro se abre em rosas
de água, e Deus fez correr as chuvas
numa coluna de trovoadas:
mentiras.

A ideia antiga de um tecto que coloque
no lugar a lua. Os trapos num cabide
que enfeite a cidade até que lhe escureça
todo o belo. Pode um velho enganar a sua própria
verdade quando não serve a pulso as
suas confissões.

O discurso é feito de palavras
que por elas não podemos oferecer a nossa
juventude. Quando nos chegam em significados
ordens e círculos já trazem as vogais
que trairão a utopia: a ideia antiga de um tecto
que coloque no lugar a lua, o trapo da infância entre
a tesoura do mundo e os degraus
do dia. Como uma coragem não serve o pulso
para manter a direcção do vento
que recupera a canoa no lugar onde tudo se divide
em três linhas que marcam em muito sangue
as saídas. Uma antiga melodia levanta o coração
dos velhos como se dependessem dessa tristeza
assim compartilhada num fio a custo de vinhos.
Quantas canções tristes dão mais importância
às pálpebras e podem fazer brilhar o que o coração
diz não mas mais poder manter na intimidade
e um idílio se abre mais que uma vitória
da guerra. Como se jura pela família tentam ocultar
os seus erros. Toda a infância pode estar nessa
perda que faz procurar os fragmentos
que fazem a medida dos corações. Devem essas linhas
tornar visíveis as estátuas que amamos
em substituição dos deuses.

1. Estivemos nus sem que pudesses saber
em que mão estava a lenha que deixa as entranhas mais
nítidas. Ainda assim, apesar do silêncio que teces
com perdas de ti, recebeste de mim o que a ilusão deixara
como dádiva por lhe teres dado vida. Como se pode
aproximar do amor sem que tenhamos de perder algo
de nós mesmos sobre uma mesa escorregadia? Vem o mar
preso a uma tábuia que conhece o lugar onde a lua
ilumina o luando através dos contornos de teu corpo
que se aproxima da sereia pelas formas desiguais
das aguarelas que são deixadas soltas quando mexes o lençol
com os dois tornozelos. As missangas e o ouro tiram
do chão os teus pés como se um poeta tivesse por aí
descoberto a sua
loucura.

1.1. Tu desejas esse momento em que uma bandeja
tenha o poder de arranjar a sala... As folhas de milho brilham
e trazem um homem sem camisa, numa das suas mãos
a tua túnica rasgada na outra só tu ensaias a tua entrega
através de retratos e segredos que guardaste frente à insónia.
A terra é curta para as tuas viagens que te deixam mais à volta
do silêncio, completamente rota. Só o coração
salva um noivo quando vem pela desilusão a forma em lâmina
da vida. Do mar preferes roubar as areias de um naufrágio
não para que uma garrafa cheia de recados cortados
pelas dores engula o mundo, mas porque a insónia
que mais dura em tuas pálpebras levanta um sal de pedras
que deixam o homem sem camisa num castigo que abre
em sangue essa coisa que te faz febre.

Ah, a dor parece exótica, um defunto dança nos portos
das tuas tardes e permanentemente perguntas quem és
e mais estranhas te parecem as razões que te mantiveram
acordada. Ainda podes falar com uma parte do luto
que endureceu o barro que esteve a mais na mão
esquerda de Deus. Uma chávena de chá vazia e o dia
que mais somamos à idade. Oh, como tu danças
e anuncias com todas as tuas viagens
adiadas o que o sonho quer ensinar num antigo emblema
de sangue! Fazes parar o tempo à volta da maçã
até que seja revelado o caos do primeiro jardim que abriu
o mundo para a insónia. Tens um nome para as coisas
e só precisas de as eleger com os olhos.
O espelho assusta, uma das rugas há muito que a esbato com
tudo que inebria a ilusão e mais fica em chaga. O espelho
não pode devolver-nos o que perdemos
da nossa crença e o que vem da sua obra é a velhice
que verga o tempo. Vem o mar que toca os teus cabelos
até deixar perdido em ti o que a lua inventara para a dolência
dos violões. No teu ombro esquerdo
(e parece que Deus dormira
sete dias nessa perfeição porque começa aí o realce
do teu busto que deixa um violão travado
à frente do mundo)
vejo pendurada a sereia que engana com morte os homens
e uma luz convoca os sentidos, traz juventude
para que não se perca o percurso dos teus gestos.
As missangas e o ouro levantam os teus tornozelos
e parece que não sobram dedos
para puxar a tua saia que ficara
à entrada.

2. Na cama coberta de linho branco
uma luz atravessa a humidade que empurra
o corpo para a única fraqueza que faz cair numa lagoa a lua.
– Os peixes só brilham porque toda a luz
lhes veio das luas naufragas desde o dia que Adão
se sentiu só.

Todo o corpo estendido, braços para a direcção
mais apontada à terra sem poderem dividir o pão.
As pernas abertas para que as gaivotas saibam a origem
do sal quando o mar enche o teu ventre. Só uma sede
pode apontar o percurso do mel, porque se torna penoso
poder cuidar do segredo quando a lua se deixa demorar
na ponta esquerda do teu seio onde vive o poeta
que com lápis poderia cortar o espelho e trazer
para o convívio:
bar.

2.1. O que foi que disseste que fez com que na ponta
de meus dedos toda a ficção prepare o lençol
como uma fruta tropical desenha um verão nos ombros
que deixas nus? As palavras de um longo silêncio atingem
o sonho muito antes da festa das metáforas que desarrumam
o mundo. E perante uma ideia que foi preparada
por um poeta, volto a ter uma força perto das unhas
que envolvem numa só dança a noite. Um travesseiro já foi
quem mais acudiu às nossas dúvidas
como se partíssemos de uma guerra e os generais
sentados escolhessem com lápis os túmulos
e nos ensinassem um hino que nunca levantaria um coro
nosso. Agora é o nosso prazer e feição diante de todas
as escolhas, umas que mais parecem devolver-te
a infância e teus irmãos com ânimos. Deixas o cemitério

de todas as tuas encruzilhadas distante para poderes escolher
uma nova juventude e sua loucura. Um cão, apesar de quatro
patas e seu farejo, não pode seguir pelos dois caminhos.
Escolhi uma só porta atingida pelos sinais de teu corpo
quando vi que podia conversar contigo como quem corrige
um poema no momento em que a insónia
mais castiga o quarto deixando no tapete vermelho uma cidade
com muitos homens ajoelhados e divididos pela solidão
que parte o violão. Perante a noite que está uma renda
atrás de ti, encontro a insónia que se desenha no teu tornozelo
e uma almofada onde Deus faz as minhas
contas. É essa cintura de pedra que deixa o meu mundo
pronto para novas razões e às vezes queremos que essa dor
e sangue dos joelhos permaneçam só como um alerta
que se leva a passear no coração. Não, não contes com o tempo
de hoje o que restou de meu terço, que apenas o passado
o torna temeroso, que degenerara o âmago. A perda
acompanhar-nos-á em sorte para que da próxima vez do alto
de uma mentira não se faça pelo ódio
ou pelo teatro o herói. Um pé de sandália pode avisar-te
da sede que se viveu, das sanzalas que se perderam
nas amnésias que destruíram as intimidades,
mas nunca saberás o número de morros e rios que os homens
deixaram entregues às mãos de Deus. Assim como uma sombra
nem sempre guarda o criminoso, através dela eu vejo, amor,
como pode ser comprida a tua túnica: como uma casa.
Eu destaco o que vem com os teus gemidos que deixam a cama
iluminada que solta mais uma parte de mim na música
que divide os dias. As desilusões
abertas como prova de que pouco mais se pode
fazer contra o
amor.

3. Disseste-me uma palavra que dança comigo
até sentir a boca com a tua saliva. Volto a falar de filhos
de forma íntima como quem perde o medo da morte.
Deixas cair o vinho onde muito mais sou do que a peça
do teu cálice. Os teus dentes chegam para colocarem
a desordem no meu olhar que tenta seguir cada
risco da tua ideia. Se estenderes o lençol deixa
com uma manga a marca onde chega o teu ventre.
Uma parte de meu corpo já não segue a minha
ordem, parece que há muito
o tomaste para as tuas
festas.

3.1. Disseste-me uma palavra que hoje dança dentro
do meu sangue numa coroa de luz. E a lua pela insónia
que vivo nunca se sentirá mais alta, nem sei se um poeta pode
aguentá-la pelo tempo que dura uma ilusão a fazer-se
em verso. (O que rodeavas de incertezas não podias viver).
Até que dances com uma parte do meu corpo
que mais parece pertencer-te: são as tuas mãos de mãe
que seguram esse segredo que me aprisiona. Quando serves
o vinho vem para dentro da minha boca a tua saliva
para que através do seu musgo eu repita por cima das tuas
palavras algo especial que ocupe o brilho do salão.
Nas bandejas de prata vejo mulheres que seguram as terrinas
de xaropes feitos de muitas ervas que cresceram na mão
do Diabo. O vinho
– apesar da intensa beleza do cálice –
conheço-o dividido porque os mortos que não foram
enterrados não querem ser esquecidos e através do seu néctar
deixam âncoras nas mazelas da sanzala. Podes tirar-me

através do batuque a tarde como se desfaz um bordado,
pois é nessa altura que cuido de desfazer-me
das desilusões quando o céu não serve para aumentar
a imortalidade. Oh, amor!... Tombaram os homens primeiro
que os sonhos como se tivéssemos como proveito uma série
de desgraças que não podem fazer uma desculpa, mas só
os sonhos que partem da lucidez podem encontrar
um novo barro que aceite
as mãos de um Deus mais perto
de nós.



«Segmentação das correntes formalistas»
*Geração de 80 e 90



João Maimona*

* João Maimona Nasceu em Quibocolo (Uíge), em 1955. Obras publicadas: «Les Roses Perdues de Cunene» (1985), «Trajectória Obliterada» (1985), «Traço de União» (1987), «As Abelhas do Dia» (1988), «Quando se Ouvir o Sino das Sementes» (1993), «Idade das Palavras» (1997), «No Útero da Noite» (2001), «Festa de Monarquia» (2001) e «Lugar e Origem da Beleza» (2003).

* José Luís Mendonça nasceu no Gulungo Alto–Kwanza Norte, aos 24 de Novembro de 1955. É autor de «*Chuva Novembrina*» (1981), prémio de poesia Sagrada Esperança, «*Respirar as Mãos na Pedra*» (1989), Grande Prémio Sonangol de literatura – (1988); «*Quero Acordar a Alva*» (1997), prémio de literatura Sagrada Esperança – (1996) ex-aequo; «*Se a Água Falasse*», prémio dos jogos florais do Caxinde – 1997, «*Logarítimos da alma*» (1998), e «*Gramática do Amor Contemporâneo*» (2002).





Murmúrio

junto dos murmúrios do dia estendem-se crânios recortados.
nas ruínas que a noite encobre, vejo rostos abertos ao trespasse.
quando vivo as horas dos murmúrio e das ruínas,
sou o corpo que desdobra os braços, o espírito,
a coluna vertebral e as pálidas veias.
hei-de arrancar a estrada solitária
quando deixar os murmúrios e as ruínas do rio.

Ramos de grito

entre a estrada e a catástrofe
entre a sombra e o naufrágio
as abelhas descobrem a espuma
azul e solitária.

no silêncio distante, ardente silêncio
no íntimo das nuvens, tombam chamas
que agasalham as lágrimas.

e das lágrimas da garganta sem universo
vejo os crepúsculos que se diluem em penumbra
e dos dias tristes, das noites que murmuram
dores e suspiros rampantes
apenas sobressaíram corpos envoltos em gritos

doces gritos que escorrem pela estrada.

2. o velho continente acordou e deixou de sonhar com estátuas de cinza. a América se levantou e se contorce de recessão espacial nos pastos que enchem os peitos do gado com o qual havemos de alimentar os silêncios da África. as Américas colecionam lembranças da escravatura. e a África coleciona lábios para beijar folhas e árvores perdidas no deserto por habitar. aqui os dias caem no chão e ninguém os quer contar. mas de noite cantamos os dias que se abrem. estendidos no chão. espiados pela mão que para a noite vai. a carne, a flor, o sal, o sangue e a água se misturam para soprar felicidade ao mar e às janelas. temos de conhecer o mar. temos de dançar ao pé das janelas. e o crepúsculo estará na neve do crepúsculo que há de vir congregado em pedras de crepúsculo.

Mãos e coisas

visitámos secreto rio de meio-dia
onde pela primeira vez
se vendia peixe.
e ao lado retratos de reis
de velhos reis reformados
que depois escreviam memórias.
 estava-se a duas horas
 do meio-dia.
minha voz que havia
de dilatar dizia: estão de volta
os meses passados na ilha da vitória.
tudo era página aberta
em nossas mãos. de novo
o sol silenciosamente despertou
o sossego de nossos passos
em nome do anel da noite.

2. nada se aproxima da noite que pretendias congelar.
metálica noite tua. em leito vestido de sol.
da noite uniforme nada se aproxima.
vejo meu corpo nela traçar no teu corpo
sinais anunciados. entre mãos suspensas.
incêndios de janelas e construções confusas.
as veias se dilatam como se o tempo fosse
música ao matéria adolescente cantando
o silêncio de máquinas. seios que se levantam.
verticais. lábios. intactos. mãos isentas de frio.
intactos lábios. solitárias mãos falantes.
com passos analfabetos descobri a avenida.
horizontal. a mobilidade adormecida.
e bebi água destinada à mucosa.
cristais de espelho. chuvas de vidro.
danças de locomotivas. revelando acesa
extração do horizonte. ou o desfecho
inesperado da noite: a palavra única da noite
e sua espessura: aparecíamos dilacerados.
enquanto vivos. no meio de cinzas.
entre corpos destroçados. levando
em pêlos eriçados metade da noite.

Extinção do milagre

Procurei belíssimos instantes em noites que cantavam
que o mar torturado pelo dia havia de sucumbir.
São hortas e outras culturas que definem abandonada
a fria existência. O milagre ainda por extinguir
entre hortas e outras culturas. Corpos estranhos
e abelhas do roteiro vêm aqui e agora dizer a ausência
dos ossos e novamente falar da extinção do milagre.



Activa transformação

desenhei a perfeita ilusão onde se esforçava móvel
a erva por proteger a chama. desviei os limites da sede:
a natureza activa: última direcção por celebrar e conter
entre obstrução interior e obediência à doença inscrita
no coração do território isento do presente
distante do silêncio possível.
nos dias que se transformam eterno permaneço
mas ninguém consegue discernir meu iluminado leito.

transparência da expressão

as estrelas do meu destino não anunciam
o alfabeto que não escondo tornar anónimo.
os utensílios e a linguagem das janelas:
as noites agrícolas personificam
arquipélagos espessos. e concebem
a morna origem de utensílios.
ofereço as memórias mais efémeras
ao declínio silencioso das noites agrícolas.
a palavra pestilencial: a irreversível
expressão da última transparência
da geografia projectando ruas entre
respirações libertas, apareciam
variadíssimos utensílios como dedicatória
ao habitual vestuário conspurcado.

sentença

uma chama descansa entre meia dúzia
de profetas. antecipada sentença sobre
lugares e deslizes absolutos. silêncio
entre ilhas aparentemente possíveis
e idênticas figuras desistem de inundações.
tempestades e outras cruzadas intempéries.
faria sentido estender de novo estações
lineares. a planície olhava reaparecidas
partículas entre silêncio e saudades
de ilhas aparentemente possíveis.

Noite de inventário



Vila Verde . vejo o meu cavalo
recolher as lágrimas da solidão.
a sombra da cidade procura
divertir-se entre janelas serenas
e imensas melodias consequentes.

noite arrendável entre esperma
e seios incansáveis. aproxima-se
um dilúvio de olhar. pela primeira
vez o ovário alegre se põe a
inventariar beijos entrecortados
nas diluídas frases intermináveis
do mar encontro a colina que
concebemos . visível o seu chão
entre as abelhas que saúdam
o teu corpo e o sol legível.
imensa a noite esqueceu o seu
passado. o dia ignorava o
desfecho do percurso das sílabas.
e janelas anónimas governavam
interditas cortinas instantâneas.

José Luís Mendonça*

* José Luís Mendonça nasceu no Gulungo Alto–Kwanza Norte, aos 24 de Novembro de 1955. É autor de «*Chuva Novembrina*» (1981), prémio de poesia Sagrada Esperança, «*Respirar as Mãos na Pedra*» (1989), Grande Prémio Sonangol de literatura – (1988); «*Quero Acordar a Alva*» (1997), prémio de literatura Sagrada Esperança – (1996) ex-aequo; «*Se a Água Falasse*», prémio dos jogos florais do Caxinde – 1997, «*Logarítimos da alma*» (1998), e «*Gramática do Amor Contemporâneo*» (2002).





os mortos não dormem

Os mortos não dormem são quissanjes
de profundos teclados em repouso
Atravessam levemente o rio
da eternidade e a sua voz levita e é o maximbombo
de um certo munhongo extraterrestre
Discam os signos da noite
nas grandes mansões em que sonhamos
Os mortos não dormem caminham
connosco vivendo a vida que esquecemos

**em windhoek,
no coração intacto da pedra**

Meu amor bosquímano atravessa
o coração intacto da pedra
em erosão. A seta de fogo limpa.
A pegada incólume do vento.
O oásis perdido na juba insulina
da welwitschia mirabilis.
Uma luz sonâmbula em flor.
Uma luz cândida de areia nos joelhos
do fim do mundo ao fim de mais um dia
em Windhoek, no coração intacto da pedra.

canção do labirinto

Cabeças de polícias no meu bolso
percorrem labirintos batidos pelo esterco
da manhã. Sobre camas de acetileno crescem
crianças de betão e pedras na boca
dos pássaros exumam o tantã citadino.
Latas de água vertem homens
de cigarro no olhar estivadores eleitos
presidem à república da noite varões
de arame farpado põem a mão na alma
e do seu olhar roído pelas formigas
caem cidades de oiro fino mucubais vendidos
por dez *mausers* que ainda não
havam conhecido o sabor da carne humana.

O fruto das Palavras

Um hálito de pedra. É o que és
neste inventário de invenção.
Um rio que não dorme talvez o verão
de um fruto visitado pelos dentes da palavra

Ébrio de vento como um barco no deserto
acendi a rã adormecida no teu ventre
e o gume do meu canto escorre
o sangue ainda quente de tu seres
a fêmea do dia que me ocupa.

O fruto das palavras. É o que és
neste inventário de invenção. Quem sabe
o verão de um rio
visitado pelo hálito da pedra que não dorme





nas colinas

Sobre o teu coração meu coração
poisa cigarras de fogo e vai
dizendo em que frutos
a tua casa é mais ácida
ou como a noite é um bagre enrolado
no fundo da tua constelação matinal.
Chove lá fora no escritório vazio
dos teus sovacos é tempo de colher
o esterco da lua nas colinas

as últimas mangas

São estas as últimas mangas desta cidade de verão.
As libelinhas da tarde publicaram nelas
o sumo dos teus lábios na maturação
esse mistério íntimo do lado puro e ázimo
onde desliza a oração do sol. Dir-te-ia o nome
da nossa sina corpo-a-corpo
deste voo que ajoelha nossa marca de água
em todas as células da Vida. Ofereço-te porém
as últimas mangas desta cidade de verão.



idades de pulso liso

Há mulheres de luz que ninguém vê
transmigrar nos dedos do tempo em silêncio
Oh a areia quente dos seus ossos
o sistema ecológico dos seus passos de dança
eu queria descer pela raiz
até ao luar interior onde o seu corpo é
terno cheira a vísceras de oceano
São âncoras de fogo cidades de pulso liso
essas mulheres de luz que ninguém vê.

no deserto do meu voo

Leva meu canto ó águia da montanha
à luz recta das lâmpadas
pendentes da cintura das almas furtivas
dos caçadores Os escribas
que me delataram a sombra
conceberam Kéops no deserto
do meu voo antes de eu ser
o rio evaporado na indómita
ressonância do hungo que me subscreve
ao sol mudo da minha secretária
O cacimbo fresco do meio da tarde
entrava pela janela aberta do toyota land cruiser
banhando o meu rosto de matéria pura
e o teu cabelo ainda cheirava a lápis de cor
dos tornozelos do céu

Sangrantes pedaços de metal

Sangrantes pedaços de metal
sombras de um mundo reclinado
sobre asas de pombas terebintinas
ir por esse reino persa agora

que as mãos dos mineiros já não escoram
os comboios subterrâneos do infinito

sonho contigo esta manhã de cal na alma
ó mítico mercedez-benz descapotável com três
[miúdas de mini saia dentro do motor
e faço-te mover a combustão da memória
nesta auto-estrada de olhos cromados pela órfica
[dimensão do poente
sonhos do meu mundo reciclado
por quimeras de pombas terebintinas

O feitiço da boca

-Umbanda wamela okuha.
(O feitiço da boca é o silêncio)

Sentado na Kitanda o tempo é um
cavalo a trote na arquitectura
futurista do meu pensamento

Diria para o Tirso, ó meu santo
este café na baixa e um bagaço
fazem da Kitanda um paraíso

Diria mesmo que no céu há peixes
que também toma café estrangeiros
em busca de uma Sagrada Esperança

diria se o vento não soubesse
que o feitiço da boca é o sinal
de silêncio na pele do tempo

(Tomando café na Kitanda das Letras com o Lopito)

António Pompílio*

* António Pompílio nasceu na vila piscatória do Lobito aos 5 de Julho de 1964.
Obras publicadas: «*O Sal dos Olhos do Mar*» (1997), «*Simetrias*» (2003) e «*Mambelé:
o Engraxador*» (2004).





O gemido das palmas das mãos

O sol nasceu nas palmas das mãos
no gemido das palmas das mãos do sol
e as palmas das mãos ficaram com manchas solares frias.
Contaram-se os dias nos dedos das palmas das mãos frias
nasciam e cresciam
os dedos do sol ardiam
e as palmas das mãos morriam.

Inverter

1.

Inverter o concreto lagrimar do deserto
é estar nu ao sol
fazer sexo com o mar!

Inverter o perfeito andar de uma avestruz
é correr para o horizonte e morrer!

2.

Inverter
Ver
Ter
Um
Arado, a catana, a bandeira
silenciarem na terra, na pedra e no vento!



Cegueira

Ninguém. Ninguém te pediu para observares a várzea do
silêncio nem a lágrima límpida inversa do meu sorriso
amarelo. Eu conheço a invisão das cores.
A cegueira é o sonho opaco da luz. Só te peço que oiças
os gritos de mel da insónia e que durmas infinito sonho,
os pesadelos da minha concreta visão.

Confissão

Confesso-te. As ruas das poças salgadas as falanges
estreitavam os passos dos sonhos. A festa da morte estava
ali reunindo os sorrisos histéricos da manhã. Eu apenas
silenciava a lira e segredava o acento da chuva.
Confesso-te. As ruas conciliavam os recheios das catedrais.
era a oração na oratória que impedia o bulício da manhã.
Ainda sob a transparência do sol nascia nas paredes da
manhã a minha última confissão: não fuziles a infância da
manhã.

Mergulho

Elevo-te para mergulhares a rua e seres o anjo, o Deus,
para veres os bichos que mordem o alcatrão do asfalto.
Seres o espírito caçador das almas, para ofereceres o amor
em mim negado. É preciso crescer sem ser madrugada,
porque a noite roubou-me o dia e ensinou-me a verdade
das estradas. A lição da morte só ensina o sorriso. Elevo-
te para esta nuvem escura para sentires a chuva e veres as
dessimetrias da infância a colorir os jardins da dor. Quero-
te arcanjo político mediador. Dessinto-te o silêncio. Qual
raiva te revoluciona o olhar? Elevo-te para esta paisagem
que te ensinou a crescer para veres as tetas da Pátria sem o
leite do sorriso com o ontem do esquecimento. Elevo-te
para recolheres a difusão do cloro. O instante do choro.

Nomeação

Nomeei-te à mesa com champanhe a tua futura pintura.
Tu sorrias os erros do surrealista, os últimos quadros
que pintaste: a cidade sem luz. A quinda da fruta madura
de sol. Vendeste o Narciso... não importa. A vida é
sempre nova para quem vê coisas novas. No entanto, nunca
plantaste os frutos das estações na cidade onde comi as
cores quentes dos frutos. (Podes fumar o lúdico cigarro
perante a minha catalepsia, mas não voltes nunca a pintar
as sombras do dia nesta renovada nomeação).







Fernando Kafukeno

* Fernando Kafukeno nasceu em Luanda a 18 de Novembro de 1962. Obras publicadas: «*Boneca do Bê-Ô*» (1993), «*Na Máscara do litoral*» (1997) e «*Sobre o Grafite da Cera*» (2000), «*Missangas! Kituta*» (2000).



a máscara negra

olhos de serra. rosto de arco: mar.
lábios lodosos. risos de corda. nariz de palha: brisa.
planta & festa. crânios. a máscara negra



olhos - mar I

I

o pássaro escapa entre as mãos
da manhã. a emoção as flores do carnaval
arde húmido o edifício do alfinete

no baloiço da manhã

à ducha

(se a cor
da ilha de luanda
namora a traça
da tua saia)
o beija-flor
alimenta-se da tua flora

e a infinita violeta
lambe a espada

a nuvem da prata
ilude a traça

na manhã do teu baloiço

o hieroglífico do carinho



*para ana
e didi também*

esvai-se como a geadá
vazia na selha

divaga ou desacerta
o relógio da artéria

metáforas inventa
e a erva escrita

no mar pinta o fleuma





no túnel

eu incendiava as mãos do enxofre

dos olhos via a foz do meu receio
na boca do sol grelhas louvavam
a santa no meu ventre vazio e o
sal do luando gota a gota caía como
a saliva da colmeia

eu tinha xatas para as lágrimas de túnel



controvérsia na primavera

para ver a musa eu girava
o posto da manhã na primavera
agora é a musa que gira a primavera
na manhã do posto que eu girava

João Tala*

* João Tala nasceu em Malanje aos 19 de Dezembro de 1959. Obras Publicadas: «O Gasto da Semente» (2000), Prémio Literário Sagrada Esperança, «Lugar Assim» (2004), «Os Dias e os Tumultos» (2004), Grande Prémio de Ficção da UEA, «A Vitória é Uma Ilusão de Filósofos e de Loucos» (2005) e «Surreabumlando» (2005).



o meu poeta



É uma ortografia tangível memória habitável
os seus passos de líricas;
é de palavras assim que assino o homem;
enche o tempo e os cadernos do tempo;
de alma em barro confecciona pequenos dias
de longas líricas, o meu poeta.

Que o escuta?

Cabe na minha ortografia como a saudade da palavra

é um pequeno deus de coisas líricas.

De palavras assim o homem explode a
roda ortográfica tangível – alma da gente;
ou como entendia a notícia de mãos textuais
no corpo da palavra.



o rosto ido(so)

Não mais prometo o rosto sem paisagem.
Quero sorrir-me dentro de ti.
E da prevalência um mundo de dias guardados
o crepúsculo dos sentidos enrugado como
a voz que de súbito é uma caverna;
como o coração de súbito é uma campainha.



rios de nós

(estes rios fogem de dentro de nós e fora são
promessas de volta ao tempo.
sem passado, eles dirigem-se ao futuro.
do presente só um fresco, minha kota,
só mesmo um fresco da mesma água que
nos lava o corpo; da mesma água que nutre
os pastos.)



amar de mais

cantar rochas amar demais
entrar na revolução
como uma erupção

abordar o perfil de
dureza
com delírios de vida
e vagas explosões

desses barcos sufocados
pela vida
e rochas do homem

mal dizem os saberes:
quem canta rochas
vulcaniza a próstata.

nossos olhos abriam o chão...

Quando a mentira cai das mãos regressa ao ódio.
Hoje as mesmas mãos desprendem rochas e
costuram pequenas harpas com que as vogais
abrem a terra.

Por isso as trincheiras mentem;
com a esperança da mentira os flagelados
cantavam as dores
porque as falsas trincheiras amanhecem
sempre que nós caímos; sempre que nos calamos.

Não nos caemos, estamos a escasso tempo do
chão; o chão mais profundo, inevitável;
o chão que os nossos olhos abriam quando
comiam a terra.

descer à chuva

chega dos rumores tece um parto à chuva;
sua bruma é o leite da manhã;
tem duas ânforas dispersas no peito
e alimenta os nervos à flor das paixões.

também eu desci à chuva cede-me uma ânfora;
havemos de conversar carne na carne;
na bruma da sua pele produzimos a língua;
os nossos nervos aproximam-se
como duas aves lânguidas tomadas de espasmos.

o paraíso nós o perdemos em busca do corpo

Dos teus medos desliza a serpente nativa
esta se ausenta dos nossos murmúrios
e o seu rasto cega-nos.

Nesse pasto cheguei depois de ti
e já o mundo perdido, amava.
Canções do corpo suspiravam
de atentos tambores urdidos no esquecimento.

Os frutos insaciáveis repartidos em nós
e o hino húmido de palavras que nos excitam
são palavras desafortunadas,
comemo-las e fenecemos.

O paraíso era apenas uma ideia
que ainda nos deixa de bocas aguadas.
Por agora busque-me, contigo moverei
a serpente nativa.

amar é mesmo assim

ela tem uma ave nos contornos de mulher
e me vê com as escleróticas em fuga.
deixa-se ir ao tempo com um corpo de navio
enche a embala com o seu todo.
ela emergiu da “casa inabalável”
e victoriosa depôs o soba.
rendo-me à vassalagem quero-a solta e rica.
certo ou incerto os sonhos errados
tornam-se vivos: como um compêndio de
mil escrituras no amor que gesticulo.

(primeira fase do amor terapêutico)

Não é difícil arrumar um poema
que te leve aos poucos para a enorme noite;
ter-me-ás de novo. Boa sorte.
E a lua próxima de ti.
Fogo contigo. Os luares enchem-te o corpo.
Divindades e mãos masculinas abrem-te conchas.
E os frutos prestes a encher a terra.
Não cairás porque o chão aproxima-se de ti;
como fruto ofereces-te à terra.
Prestes a abrir-se o poemário. O pomar.
O pêndulo: as mamas em perturbação.
Repetes o torpor do clímax. Não me ouves?
As mãos acumulam orgasmos contadinhos,
entrego-tos como vinho beberás
tardes tropicais iguais à sobrevivência;
tardes que povoam de emgriaguez um mundo
e o fundo da época. Tardes de brasa
em teu fundo frio.

Ideia de música

A música é um parto de tardes muito claras
mas tem noites por dentro que resumem
nossos gritos de cada escrito da boca;
(e o escrito de cada espírito também é música)
cada verso tem seu corpo vamos tocá-lo
reunir duas mãos de música.

Vamos minha gente cantar onde a dor também
é brisa; e um semba cantado é como
comer na carne.

Vamos gesticular, caber na dança e na boca
- a ideia é carnal é uma melodia.

Trajanno Nankhova Trajanno*

* Jordão Augusto Trajanno nasceu a 12 de Dezembro de 1958. Obras publicadas: «*A Morte do Pão*» (1993) «*Fronteira da Lágrima*» (1995), «*De que Lado Está Deus*», Menção Honrosa do Prémio Sagrada Esperança (1995), «*Terra Nova*» (2000), «*Pedestal de Argila*» (2001), «*Melodia da Água*», Prémio do Concurso Nacional de Poesia Dr. Agostinho Neto (2003), «*Caminhos da Mente*» (2004).



Gesto lírico das aves

Antes da rosa dá-me a rosa azul da boca

Se me quizeres ressurgido plácido
da mão plácidamente amiga a cantar
basta que tragam a guitarra equilibrista dos olhos

Se chover as asas das abelhas me darão abrigo
dançaremos se chover mel hoje ao meio do dia
povoando o gesto lírico das aves
até a fonte cândida do ósculo

Em momento algum o maruvo pretendia ser mar
o mar nunca deixará de ser maruvo
basta que as águas do mar nos pareçam azuis a dançar

Se em mim pretenderes navegar até a semente
audível da presença da alma basta que tragam erecto
o fiel da balança aprumado na consciência dos navios
antes das rosas

Primavera Escassa

Todas as horas são brandas na ausência da mão

Diluem sorrisos na cauda milenária da noite
algumas mínguas vozes do chão

sob a chuva choram pela memória da primavera

Não há pássaros entre as algas
Não há pássaros repicados na voz dos sinos
Todas as horas são brandas na ausência da mão
nada acontece na kindá da Linda anoitece
Não há perfume na lenha em lume
nada acontece à taça num trago mago de rosas
as horas são brandas na rosa dos olhos
Já havia dito – Não há pássaros entre as algas!...

2ª partitura de piropos à besangana

esta alegria de a ver chegar na voz do dia
de braços em cúpula devia ressoar no grito das rosas
devia encantar a sépala cónica dos ventres
que exila o dízimo das cidades transplantadas
devia dançar na azul ansiedade dos mortos
que se olvidaram de morrer

esta alegria de a ver chegar no pregão descalço dos pés
devia edificar de jambo
sobre a pátria anunciada
no rito húmido da melodia dos braços
onde padece a carne sem prece

convocaríamos o crepúsculo
no céu das escarpas onde desfila o perfume até às entranhas
das dádivas celestes

2ª canção fisiológica do tempo

dúlcido!...

nunca o dia estive tão lúcido pela harmonia da cigarra
em meus pés

no convés desta tarde qualquer onde arde a alma
e a palma da mão de nocturna forma disforme

apascenta a rede na parede e no chão

de velho sonho de pão e espora

fora do ventre do tempo dentro da fragilidade da vida

nunca o dia estive tão lúcido

ante ilustre espantalho na insónia do espelho

côncavo espelho tímido de farelo amarelo

e a mão dela grudada ao juízo e ao martelo

a mão dela à entrada do milénio

se reconhecer cansada desnuda calçada de luvas

nunca o dia estive tão lúcido entre a mão e o horizonte

oh alegre céu alegre infância alegre morte!

1º poema de queixuma muxiluanda

nasce peregrino sorriso sobre o asfalto
no alto da noite que guia os pés

um sorriso prostrado na alma da mão prostrada
arisco sobre o asfalto petisco de uma gestação
palco de maratona visto do dorso da poltrona

desfraldada partitura de uma guitarra dúcida guitarra
circundante e domiciliar
domiciliar e circundante
na ebriez da árvore semeada de pássaros
no remoinho da seiva da anónima pedra que se ergue
no mastro da chuva
esculpe outro sorriso de costas virado ao sexo de ninfa
sem pretensão e sem geração
sem geração e sem pretensão

5ª ode breve à gaivota

a pátria catalogou alguns sonhos de partida
em mãos de pedras
epíteto de geração
silenciosa e imagem de teto secular
de uma distinta basílica transferida
ignora a paisagem ansiosa de virgem razão
onde a noite não responde os chamados da gaivota
que vota pela moça que despida grita
outra vez
através de transparente libelinha
defronte a alguma catedral de homens
despidos
feridos no orgulho do ventre
feridos no ventre do orgulho
entre o vaso discreto de flores
escarnecidas

1º hino de mastro atlântico

dói a alma não poder ver a mão resgatar a organização do
sono
das bandeiras raptadas por longos e delgados mastros
à chegada do vento
na polpa dos dedos das árvores
onde a dimensão familiar
de lar civilizado é posta à prova se chove
sobre nós derramam bandeiras debotadas

o sol remenda o teto os sorrisos e os sonhos
ao içar de nova alma sobre novo espaço
renascem caricatos símbolos de vida em sociedade
amizade juras e promessas
promessas juras e amizades plantadas no bico da ave
e a nossa dimensão familiar è mais que a dos animais

a virtude de mão vazia em troca de perdão

dolência serena do kisanji – 5.^a palheta

tivesse as mãos apreendido o caminho do mel
incorporava o hoje em meu olhar pregresso

endiabrado e dolente dolente e endiabrado no hálito
do kisanji a recompor a silhueta bamboleante
de derrubada árvore
escasseiam botas para pisar o chão que escasseia
da cidade onde um dia fora adolescente vencido
pelo tempo

o mar atraente lembra-se de mim a cantar
sobre pedras dissonantes o mar ridente lembra-se de mim
a desfilas os olhos nos traços leves dos lábios
e nos traços de um anjo no quadro de meu quarto
o mar vagamente
tem lembranças minhas no segredo de cada homilia humana

ebriez oceânica da insígnia – 3.^a dinastia

sustento na mão um altar na mente uma opinião
sobre o altar nada igual do pedestal
pretendo apenas transmitir em verso o silêncio tumular
dos anfíbios
que voam na melodia branda e branca da renúncia
dúlcida e bela dúlcida e sacra
de umbela em início de rendição
antiga recordação de recente esperança manifesta
em kinda de besangana a alongar os olhos na quietude
dos asfaltos enquanto perscruta a saudades dos mares

nostalgia convexa das sementes – 3.º amplexo

este sol sobre mão trémula plasma outro sol o do violão
no terreiro da mukanda contorno de ansiedade
na serena nudez de pomos horizontais
são aves são naves são chaves dilatando a fisionomia
húmida dos corpos



o perfil humano de homem humano mente congregada
á flor
é eva é chuva é uva no norte magnético do ritmo
naufrágio da imagem numa ponte no templo azul do tempo
tem vinha tem ginga tem tinta o norte magnético do ritmo

perscruto presunçoso e esguio passo de uma pátria a pastar
não sei se pela chuva que canta se pelo pastor que a encanta
há profuso enlace
a evolvar perfume para lá do núcleo ávido das sementes

Amélia Dalomba

· Maria Amélia Dalomba nasceu em Cabinda a 23 de Novembro de 1961. É autora de quatro obras poéticas: «*Ânsia*» (1995), «*Sacrossanto Refúgio*» (1996), «*Espigas do Sabel*» (2004) e «*Noites Ditas à Chuva*» (2005).





A canção do silêncio

A canção do silêncio é um suspiro
Na profundidade do índigo
O olhar de uma santa de barro à deriva do pensamento
Gelo e sal
larva e mel
A canção do silêncio



Mão

Mãos desenham raízes dos cânticos da terra
Geram vida na identidade da flor entre o espírito da letra
Engendram salmos na inserção da cruz
Cristo às preces das dores
Mãos são séculos de páginas aos joelhos de Fátima
São lágrimas ao altar do desespero

Petição

Presides as palavras com sentença de morte
Por poetar causas injustiçadas na sombra do teu jango
Tu que vês o sol no batente da tua porta e trazes as cabaças
repletas de mel
Dá-me o direito da flor e da música
E na dança frenética a absolvição que me dá Deus se desistir
de viver

Medo e cruz

De medo e diabo trazes o corpo envenenado enquanto a
mente balbucia incoerências
Por trás do véu de instintos espicaças a carne
O desejo sob uma resma de salmos
Em nome de que virtude contra quem levantarás a cruz
Um púlpito
A carne
Uma cruz
Ao mistério da criação a humanidade

Parto de partidas

Onde poisa a gaivota há um peixe desventrado
Quem apagará a luz?
Esta geração brota raiz parasita da palmeira vincada pela
matriz
Onde a terra pariu partidas e quem ainda voltará
Que bata à porta e apague a luz



Hoje

Este dia que seu nome é hoje
Traz crucificado e coroadado de espinhos
O natal
Jesus pelo tecto do mundo

Dias inúmeros e tão vazios de tudo

À sombra do chão

Ao Paulo Flores

Trago a vontade da palavra aflita
Na garganta cordas de emoção
No berço da letra uma palavra uma canção
Solidário da pobreza razão de ser cidadão
Juventude esculpida no pranto
Como que plantada à sombra do chão
Terra troveja mímica na planta que morre
Onda brava de carências
Ânsia de crescer trabalho e pão
Esta consciência de ser sal
Sol e canto
Pela voz calada
Pela boca faminta
Gritar por quem nem geme
Saber porque sou artista

E vilões

Pelas cimitarras cegas canteiros resistem
O amor pelas labaredas como lágrima
Vertida da árvore feita madeira
Pelas paixões incendiárias injúrias seduções fortuitas
Lobos com olhos grandes bocas grandes narizes grandes
Na moral carbonizada pelos enganos
Uma novela mexicana em factos reais
O universo das vilas
Donzelas
Miúdos e vilões

Abreu Paxe*

* Abreu Castelo Vieira dos Paxe, nasceu a ?????????? no Município do Bembe, província do Uíge. Obra publicada: «*A Chave no Repouso da Porta*», Prémio António Jacinto - 2003.



21 amores em junho

num pacto com o pó faço do mineiro tesouro
trevas os ventrículos nova alvorada
do equador peito silencioso os calcários
guardam em superfície paralelos lenhosos
aflito perónio língua deserta arde
levantada sede o tempo íntimo penedo
vigia transparente aceno nas ruas
as cidades correm altivas ao último sol só trevas



cicatrizes os espelhos

falar ao rés palavra incandescente
arremedos o gráfico de linhas varanda
decerto, as paredes abraçam os encantos cinzas
a poesia cresce azul além das pontes línguas
o histograma amordaça cego fóssil
fio de pó os alicerces elevados pássaros
as águas dos pés sob desertos
fundam duras cicatrizes a frequência de espelhos



o lago envelhecido sintoma

um pedaço de sorriso adere vertical ecrã o sino
louco o beijo artérias do beijo
nova voz estende-se o quintal nua geração a árvore
capilar sossegado presságio o lagarto com descrição
a cidade humedecido mergulho sem dobrar o mundo
sinais de vanguarda permanecem os cemitérios utilizáveis
telhas nevadas, elásticas despem-se do alto as esgrimas
consomem do tarso ao ilíaco as flores do campo
lago envelhecido sintoma alarga o passo turvo brilho



falares atados ao silêncio

morrem por fora outros ventos maduros
arados as magnólias da face osmoses catastróficas
perdidas escalam algas as sombras outras
meninas despidas bocas no diadema
aberta ferida o gesso excesso de realidades
sinos ao cimo o céu despe-se apertado
tudo recolhe e acende o chão da luz por dentro
estes ventos derradeiros falares atados ao silêncio

os anos nos ladrilhos das horas

destas paredes orações
as línguas laminadas subordinações
as datas sepultura póstuma
talvez aposento as coordenações
sobre a mesa janelas e portas os períodos sem conectores
quisera o vento acariciar a antiga boca
particípio a básica raiz obedece
as horas caindo agastados sinais de pontuação dedos
penosamente abertos textos água a dissecar o silêncio rochoso

